

Justiça climática e a descarbonização da mobilidade¹

Emanuele Cappellano²

Temos nos deparado nos últimos anos com os impactos cada vez mais severos dos fenômenos climáticos como consequência do efeito estufa, ocasionado pelo acúmulo de CO₂ na atmosfera. Não se trata mais, há tempos, de hipóteses concebidas a partir de estudos acadêmicos, muito menos amplificação de vozes alarmistas - até porque a realidade se impõe, e as catástrofes recentes, como as enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul, em abril deste ano, são exemplos sofridos e alarmantes por si só, que deixam inúmeras sequelas.

Os dados obtidos a partir desses eventos extremos apontam para projeções que, sem uma política climática, a temperatura de hoje na Terra poderá aumentar cerca de 5°C até 2100, impactando diretamente 3 bilhões de pessoas, que precisarão migrar das áreas mais afetadas para outras regiões. Ou seja, quando os 195 países assinaram o Acordo de Paris, em 2015, o foco era muito mais voltado para o combate à causa do aquecimento global. Hoje, seguimos correndo contra o tempo em relação à causa e, adicionalmente, precisamos implementar com urgência medidas para mitigar suas consequências.

Então, o tema é latente, e senta-se à mesa de todos. Como lidar com o desafio da descarbonização? Não por acaso, a COP29, que será no Azerbaijão, e a COP30, aqui no Brasil, em 2025, trarão, provavelmente, dois temas centrais para as rodadas de discussões: o balanço global para a mitigação de carbono e como devemos nos adaptar para os eventos climáticos extremos.

A complexidade do problema exige diferentes abordagens, complementares e transversais, para apontar soluções e adaptá-las às características e necessidades de cada país, com o envolvimento dos setores públicos, privados e da sociedade como um todo. Tudo isso levando em conta a justiça climática, já que os impactos ocasionados no meio ambiente por conta dos maiores emissores de

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/justica-climatica-e-a-descarbonizacao-da-mobilidade.ghtml> Acessado em 06.09.2024

² CEO da Stellantis

gases do efeito estufa (liderados por China, Estados Unidos e União Europeia), são sentidos de maneira desproporcionalmente desfavorável em países em desenvolvimento e junto às populações vulneráveis.

O Brasil está distante da lista dos países que mais emitem carbono e destaca-se em várias frentes de atuação para mitigar as consequências do efeito estufa. Embora deva considerar suas responsabilidades históricas limitadas em termos de emissão, o país tem potencial para liderar o movimento de descarbonização e de inovação para a mobilidade sustentável. Aqui, quando falamos em pegada de CO₂ no setor de transportes, já somos referência global graças aos benefícios de uma matriz energética renovável, tendo no etanol um de seus diferenciais, somada às políticas públicas implementadas - vale destacar que o setor de transportes nacional representa apenas 14% do total de emissões de CO₂ do país, segundo dados da Climate Watch.

Por isso, no contexto brasileiro, com suas diferenças, degraus sociais e dimensões continentais, forçar todo o setor a migrar rapidamente para uma única solução de mobilidade sustentável, como a dos veículos puramente elétricos, seria dar as costas para um modelo que todo o mundo busca e gostaria de ter, com uma matriz baseada em combustíveis renováveis, que já está estabelecida, com logística equacionada, acessível e extremamente eficiente.

Vimos que nem mesmo os países desenvolvidos, após aportes colossais de recursos para a infraestrutura e subsídios aos consumidores, conseguiram equacionar a transição para uma matriz de mobilidade 100% elétrica. Os investimentos precisaram ser revistos, os bônus dos governos europeus cessaram e, conseqüentemente, os consumidores voltaram a buscar alternativas de veículos mais acessíveis.

O Programa Mobilidade Verde, o Mover, avança na mitigação do carbono, fomentando justamente o uso de combustíveis renováveis, associados às tecnologias híbridas e elétricas. E devemos valorizá-lo não só pelos avanços que representa do ponto de vista tecnológico, como também por representar uma política ambiental inclusiva, com justiça climática. Busca, de forma responsável, descarbonizar a mobilidade levando em consideração o cenário socioeconômico do país, assegurando uma transição que não prejudique trabalhadores nem comunidades que dependem economicamente de setores de transporte tradicionais. O Mover protege o meio ambiente, estimula a indústria nacional e sua extensa cadeia de fornecedores, gerando empregos e diminuindo desigualdades seculares. Enfim, traz riqueza virtuosa, constrói transição entre as tecnologias, sem representar uma ruptura ou barreira aos consumidores.

Como adiantei, problemas complexos requerem diferentes abordagens, com a participação de todos. Nós, da iniciativa privada, e representando a empresa líder do mercado automotivo no Brasil e América do Sul, que opera plantas de produção em três Estados brasileiros, empregando diretamente mais de 25 mil funcionários, já estamos em ritmo acelerado para contribuir com o mesmo propósito. Para cumprir com o objetivo global da companhia de neutralizar a emissão de carbono de todas as operações até 2038, com 50% de redução já em

2030, anunciamos o maior plano de investimentos da história da indústria automotiva no país e região: R\$ 32 bilhões de 2025 a 2030.

Com esse montante, lançaremos 40 novos modelos, quatro novas plataformas, oito powertrains, além da tecnologia Bio-Hybrid, que em breve será lançada nos produtos de nossas marcas. Desenvolvida pela nossa equipe de engenharia do Brasil, ela combina eletrificação com motores flex movidos a biocombustíveis em três diferentes níveis. Assim, geramos conhecimento e novas tecnologias nacionais, que fomentam o desenvolvimento da indústria e de novos negócios, sempre de braços dados com a responsabilidade socioambiental.

Investir nesta rota tecnológica é uma opção estratégica da empresa, com o intuito de promover e valorizar as características positivas da matriz energética brasileira, em que se destacam os biocombustíveis e a energia elétrica gerada por meios renováveis. Esta é uma enorme vantagem competitiva do Brasil, e acreditamos na força desse movimento virtuoso que mobiliza de maneira justa, integrada e convergente, sociedade, setores públicos e privados. Acreditamos que só assim, juntos, lideraremos as fronteiras da mobilidade segura, acessível e sustentável.